

# O IMAGINÁRIO SOCIAL DOS ACADÊMICOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

SOCIAL IMAGE OF PHYSICAL EDUCATION STUDENTS FROM UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Marcelo Moraes e Silva\*

---

## RESUMO

O presente estudo tem por objetivo analisar o imaginário social dos acadêmicos de Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora. Participaram da pesquisa 174 alunos, os quais responderam a um questionário sobre seus dados pessoais e questões da Educação Física. Verificou-se um crescimento das atividades não-formais e um descrédito em relação à Educação Física escolar. Conclui-se que o descaso é resultado das políticas capitalistas neoliberais e que deve-se tematizar a Educação Física na ótica da cultura corporal de movimento, como um conhecimento historicamente produzido pelo homem que deve ser transmitido aos alunos na escola.

**Palavras-chave:** Educação Física. Atividades não-formais. Escola pública.

---

## INTRODUÇÃO

Atualmente ocorre significativa mudança na área de atuação profissional do professor de Educação Física, passando do setor educacional para as atividades localizadas fora da escola. Estudos como os de Bara Filho *et al.* (2001), Lovisoló (1995) e Silva *et al.* (1996) indicam este reordenamento. Silva *et al.* comentam que este aspecto não é exclusividade do Brasil, demonstrando-se mais intenso em outras regiões do mundo, principalmente na Europa.

Entre as diversas razões da crise da Educação Física escolar, a que mais chama a atenção é a do segmento educacional. Lovisoló (1995) aponta que o crescimento do interesse dos profissionais pelas áreas não escolares decorre da pouca valorização social, dos baixos salários e das precárias condições materiais que são oferecidas aos professores que se dedicam ao magistério nos ensinos fundamental e médio da rede pública de ensino. O autor mostra que as atividades não-formais proporcionam maior reconhecimento profissional, social e econômico ao professor de Educação Física e cita como exemplo os *treinadores desportivos* e os *personal trainers*.

Montenegro e Resende (1996) afirmam que os acadêmicos de Educação Física não desejam trabalhar em escolas públicas porque se trata de um local onde dificilmente realizariam um bom trabalho e, portanto, não alcançariam reconhecimento social.

Paro (2001) assinala que a situação de calamidade da escola pública é fruto da mudança de sua função social. Para o autor, há algumas décadas, quando esse tipo de estabelecimento de ensino abrigava os filhos das camadas médias e altas da sociedade, sua importância era outra, já que seu objetivo era preparar os jovens para ocupar os trabalhos médios na sociedade (contadores, professores, funcionários públicos, dentre outros), ou oferecer condições para o ingresso na universidade. Nessa passagem, Paro (2001, p. 84, grifo do autor) enfatiza a importância que a escola pública possuía na sociedade:

Como os grupos sociais a que servia a escola pública tinham grande poder de pressão junto ao Estado, este provia o sistema escolar dos recursos necessários, oferecendo condições adequadas para o desenvolvimento das atividades escolares e pagando salários

---

\* Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Juiz de Fora/MG.

condignos aos mestres que, inclusive, gozavam de considerável prestígio e *status* social em retribuição ao papel importante que exerciam na preparação intelectual dos filhos das famílias mais privilegiadas.

Paro também demonstra que o descaso com os professores das redes públicas reside no fato de o Estado estar despreocupado com a qualidade do produto que a escola pública possa oferecer. Com a mudança dos grupos sociais que gozavam de maior prestígio social para a rede privada de ensino, ocorreu uma progressiva desqualificação do trabalho docente, pois não mais interessava ao Estado prover as massas de um ensino de qualidade (PARO, 2001).

Esses fatores são agravados com a implementação do neoliberalismo no país no início da década de 90. Como a preocupação do Estado passa a ser mínima na geração de recursos sociais, o enxugamento de gastos atinge também o segmento educacional.

Além disso, o processo de reestruturação produtiva neoliberal, empurrado pela implementação de novas tecnologias, proporcionou inúmeras mudanças nas formas de organização do trabalho. Passa-se do modelo fordista/taylorista para os modelos baseados nos princípios da acumulação flexível, o que conseqüentemente afeta a forma de ser do novo trabalhador e muda completamente todos os processos de formação humana (KUENZER, 1999).

As metamorfoses proporcionadas pelo capital fizeram com que houvesse um crescimento do desemprego estrutural, cuja tendência dos novos mercados de trabalho é a diminuição do número de trabalhos estáveis e o emprego, cada vez mais, dos que são demitidos sem custo algum (ANTUNES, 1999).

Com isso, ampliam-se os setores ligados ao mercado informal dos subempregados, autônomos, terceirizados, precarizados e sem seguridade social. Segundo Franco (1998), nessa forma de trabalho encontram-se 50% da população economicamente ativa do país.

Feitas essas considerações iniciais, ficam algumas dúvidas: será que a Educação Física tem que procurar a esfera não-formal para garantir um certo reconhecimento social? Esse

reconhecimento social irá ocorrer? Essas atividades proporcionam maior remuneração do que as atividades escolares? As crises da Educação e da Educação Física não são resultantes das políticas capitalistas? As atividades não-formais não se adaptam à lógica de mercado? Quais serão as alternativas para a prática profissional? São indagações como essas que se tenta responder, com base no imaginário social dos acadêmicos.

## METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa descritiva, objetivando diagnosticar e analisar o imaginário social dos acadêmicos de Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora. Segundo Isacc e Michael (1983), o *design* utilizado permite classificá-lo como *Survey* ou estudo de levantamento.

A população foi composta por acadêmicos do curso de Educação Física.

Participaram do estudo 174, alunos de ambos os sexos (93 masculinos e 81 femininos), do 1º ao 8º período da Faculdade de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Juiz de Fora. A idade média era de 21 anos e a participação voluntária.

Elaborou-se um questionário estruturado com questões abertas e fechadas a partir de temas selecionados, em um total de 12 (doze) questões, divididas em 4 (quatro) partes:

- 1 Dados pessoais;
- 2 Histórico da Educação Física do acadêmico nos ensinos fundamental e médio;
- 3 Perfil acadêmico e formação profissional;
- 4 Objetivos da Educação Física escolar.

Para a testagem do instrumento, realizou-se uma aplicação piloto com 16 alunos, divididos, igualmente, entre os períodos. Foram necessárias algumas alterações para a elaboração do instrumento definitivo.

## DIALOGANDO COM OS RESULTADOS

Verificou-se, na análise dos questionários, que a Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora tem, em sua maioria, alunos oriundos do próprio estado

de Minas Gerais (78,1%). Os alunos naturais de Juiz de Fora constituem 42,5% e o restante do estado, 35,6%. Esses dados mostram que a cidade de Juiz de Fora é um polo regional de educação em nível superior, explicitado pelo fato de grande parte dos estudantes pesquisados serem de cidades próximas a Juiz de Fora.

**Tabela 1** - Distribuição percentual dos alunos em relação à questão “Em que tipo de instituição você cursou os níveis de estudo?”.

	Ensino Fundamental	Ensino Médio
Escola Pública	46%	45,4%
Escola Particular	43,8%	50%
Ambas	4,6%	2,3%
Não marcou	0,6%	2,3%

Observando-se a tabela 1, verifica-se que existe um equilíbrio no tipo de instituição de ensino em que os acadêmicos realizaram seus estudos, fato que praticamente não se alterou no ensino fundamental e médio. Entretanto, 78,2% fizeram curso pré-vestibular privado para ingressar na universidade, o que mostra uma preocupação maior com a aproximação ao mundo produtivo e com sua entrada no mercado de trabalho.

Quanto à participação dos alunos nas aulas de EF, os dados demonstram uma queda no interesse e participação no ensino médio em relação ao fundamental. Os números corroboram os resultados apresentados por Lovisolo (1995). Observou-se, contudo, que a queda desses fatores apresentou-se menor no presente estudo que no estudo de Lovisolo. Entende-se que isso pode ser explicado pelo fato de a população estudada ser constituída por acadêmicos de Educação Física. No entanto, não deixa de ser um número considerável.

Essa queda de interesse e participação confirma a questão do curso pré-vestibular privado, pois a aproximação do aluno com o mundo produtivo e com a competitividade do sistema capitalista começa a exigir deste a incorporação de determinados conhecimentos. A Educação Física escolar no momento parece não possuir funcionalidade alguma para o neoliberalismo.

**Tabela 2** - Dados relacionados à questão: “O que eram as aulas de Educação Física para você em cada período de sua vida escolar (1ª a 4ª/ 5ª a 8ª/ 2º grau)?”

Conteúdos	1ª a 4ª séries	5ª a 8ª séries	2º Grau
Jogos/ Brincadeiras	46,0%	2,9%	1,1%
Esporte	37,5%	81,7%	77%
Dança	0%	0%	0,6%
Ginástica	3,4%	0,6%	1,1%
Presença Obrigatória	3,4%	5,7%	5,2%
Não teve aulas	1,1%	1,1%	6,3%
Outros	0,6%	0%	2,3%
Marcou errado	8%	8%	6,4%

Verificando-se a tabela 2, percebe-se que os conteúdos Jogos/Brincadeiras e Esportes foram os elementos mais trabalhados nas aulas durante o percurso escolar dos acadêmicos, sendo o primeiro a predominar no ensino fundamental e o segundo em todos os momentos da vida escolar. Fica evidente que outros elementos da cultura corporal foram negados na Educação Física escolar e o conteúdo Esporte foi praticamente o único elemento das aulas.

O Esporte e a Educação Física, portanto, tornaram-se sinônimos, impondo-se como conteúdo e sentido da própria Educação Física. Assim, passou-se a não observar diferença entre Educação Física e Esportes (OLIVEIRA, 1999; BRACHT, 1992; SOARES *et al.* 1992).

Esta ênfase ou exclusividade no Esporte impediu que a escola proporcionasse aos alunos a transmissão e aprendizagem de outros elementos da cultura corporal, limitando, desta forma, o conhecimento explorado nas aulas de Educação Física. Isto não justifica sua presença como componente curricular escolar. Deixa-se claro que não se está negando o Esporte como conteúdo de aulas mas como um elemento a mais a ser trabalhado, não somente com os vínculos da instituição esportiva.

Pode-se notar o vínculo que a Educação Física possui com o Esporte ao se analisar as principais razões que levaram os acadêmicos a optarem pelo curso. Foram mais votados a realização profissional (37,6%), o gosto por praticar atividades físicas e a passagem pelo processo de treinamento desportivo que, juntos, somam 42,7%.

Em relação à principal área de interesse profissional, os resultados apontam para um crescimento das áreas não-escolares. Ao se dividirem as respostas em duas áreas, formais

(escolares) e não-formais (não-escolares), os valores são respectivamente 24,2% e 69,5%.

Apesar de a crise do segmento educacional ser uma realidade, acredita-se que o enfraquecimento da Educação Física escolar não ocorreu pelo crescimento de novas áreas de atuação profissional, mas sim pelo que Paro (2001), Antunes (1999) e Kuenzer (1999) argumentaram. O primeiro, porque aponta uma perda da importância da escola pública na formação humana de grupos com certa influência social, haja vista que atualmente a escola só presta serviços às populações sem respaldo social algum. Isso se agrava pelo que Antunes (1999) e Kuenzer (1999) pensam sobre as políticas neoliberais, as quais, segundo os autores, visam diminuir a estabilidade dos trabalhadores e, com isso, ocorre um sucateamento da profissão de docente de escolas públicas.

Entende-se também que a Educação Física passa por um momento diferenciado em relação aos outros componentes curriculares. Esse fato resulta de toda a história da disciplina nos processos de formação humana, e não é intenção discutir essa tendência no presente estudo. O interesse, nesse momento, é mostrar que a Educação Física está sendo descartável no atual processo hegemônico de educação.

Para enfatizar esse aspecto, ao analisar os acadêmicos a partir do 5º período, notou-se que quase não existem mudanças dos objetivos apontados no início do curso. Esses estudantes continuam preferindo as atividades não-escolares, o que mostra que não estão se preparando para exercer a docência na dura realidade dos ensinos fundamental e médio das escolas públicas brasileiras. O pior é que, em muitos casos, são incentivados pelos próprios professores das faculdades de Educação Física.

Outro fator observado foi que cerca de 45% dos pesquisados já trabalham ou são estagiários em alguma área da Educação Física. Cerca de 85% dessas funções são realizadas em atividades não-formais, sendo que do total dos estágios, 46,6% são extra-curriculares, 36% curriculares e 17,4% de extensão universitária. Esses dados comprovam a intensa exploração da mão-de-obra dos acadêmicos de Educação Física nas atividades de caráter periférico, informais, autônomas, subcontratadas e precarizadas.

Em relação à formação continuada, cerca de 98,4% dos estudantes demonstraram interesse em seu aprimoramento profissional. Entretanto, os dados relativos ao interesse dessa formação evidenciam o crescimento das atividades não-escolares como a principal área de interesse.

Na questão “Se todas as áreas proporcionassem o mesmo rendimento financeiro, em qual você trabalharia?”, pode-se verificar que os acadêmicos não alterariam sua opção profissional por melhores condições de trabalho. É nesse ponto que se percebe uma contradição: a queda do interesse pela profissão de docente não é pela falta de condições. Entende-se que a mudança de opinião se dá pela dura e chocante realidade das escolas públicas brasileiras (totalmente diferente das atividades não-formais), e a busca de reconhecimento social. Todavia, será que esse reconhecimento social realmente ocorre? Essas atividades propiciam melhores salários? E os direitos sociais conquistados? E a precarização das atividades não-formais? O que pretende-se salientar é que não se é contra nenhuma forma de trabalho, só se está refletindo sobre algumas contradições detectadas no atual contexto. Na parte final do texto tenta-se fazer alguns comentários a respeito dessas questões.

Esses fatores se agravam ao se analisar a opinião dos acadêmicos sobre a permanência ou não da Educação Física nas escolas. 98,3% dos estudantes são a favor, todavia, 80% dessas respostas são por razões corporativistas, como mais uma área de atuação profissional, e não por ser um componente curricular, algo a ser tratado como conhecimento produzido historicamente pelo homem.

Isso vai ao encontro do estudo de Oliveira (1999), no qual este afirma que o profissional de Educação Física atuante na escola não tem clareza de seu papel junto à instituição escolar. Ao se analisar a realidade de Curitiba, no estado do Paraná, o autor afirma que, se não fosse a necessidade de sobrevivência, os professores não trabalhariam em escolas públicas.

**Tabela 3** - Dados relativos sobre o principal objetivo da Educação Física escolar

Desenvolvimento motor e cognitivo	43,1%
Cultura Corporal	24,1%
Iniciação Esportiva	11,4%
Promoção da Saúde/Qualidade de Vida	9,7%
Não possui	8,6%
Outros	3,1%

Essas indagações ganham destaque ao se analisar a tabela 3. Nota-se que não existe um objeto específico para a Educação Física escolar, estando ela muito ligada ao paradigma da Aptidão Física (64,2%). Mas é necessário salientar que, pelo percentual encontrado na perspectiva da Cultura Corporal (24,1%), pode-se buscar uma prática de Educação Física mais comprometida com a Educação de uma forma geral e não como mero apêndice da escola.

Feitas essas observações, tenta-se efetuar as considerações finais e apontar questões para efetivar a Educação Física como componente curricular, em uma prática pedagógica transformadora.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfatiza-se que a intenção deste estudo não é dar respostas, mas apontar algumas reflexões sobre as contradições observadas no âmbito da Educação Física brasileira.

Entende-se que a crise da Educação Física escolar não é fruto das baixas condições de trabalho oferecidas aos professores ou pelo pouco reconhecimento social que estes possuem ou, ainda, pelo crescimento das atividades não-formais. Seus motivos vão muito além destes fatores. Acredita-se que toda a Educação está sofrendo dessa crise, principalmente pelo fato de a escola pública não servir mais a grupos com alguma influência social (PARO, 2001).

Concorda-se que a Educação Física foi a disciplina que mais golpes sofreu no interior da escola. Crê-se que tudo isso seja resultado de seu processo histórico. Além do mais, o fato de se apresentar descartável no novo modelo capitalista neoliberal não é por que não sirva mais ao atual sistema hegemônico.

A Educação Física continua servindo aos interesses dominantes, só que de forma bem mais complexa. O neoliberalismo sofisticou o capitalismo de tal maneira que consegue enfraquecê-la no interior da escola e fazer com que ela continue a servir aos seus interesses. Mas como isso é possível?

Para se responderem a essas questões, apóia-se mais uma vez em Antunes (1999), pois as atividades não-formais não possuem os direitos sociais historicamente adquiridos pelos trabalhadores. Essa manobra capitalista de sucateamento da educação pública brasileira

visa diminuir o número de trabalhadores centrais e aumentar os empregos periféricos. É muito estranho ou será somente mera coincidência com a Educação Física brasileira? Parece que não. O objetivo da classe dominante é enfraquecer e fragmentar cada vez mais as massas e continuar sua exploração econômica.

As atividades não-formais continuam a reproduzir a lógica do capital sem gasto algum para o Estado, utilizando objetivos variados, ligados a uma matriz utilitarista como Qualidade de Vida/Promoção da Saúde, Estética, Lazer e Esportivo, de acordo com o novo sistema capitalista. Isso pode ser observado no texto da LDB e nos programas de esporte e lazer difundidos por todo o país.

Dessa forma, acredita-se que a “troca” em favor das atividades não-formais pode custar muito caro aos profissionais da Educação Física, principalmente por dois motivos. O primeiro é porque, diferentemente do que afirmam essas atividades, elas não irão trazer melhores condições de trabalho e maior reconhecimento social; somente irão retirar os poucos direitos que os trabalhadores da Educação Física conquistaram historicamente. É investir em um mundo de sonhos, totalmente alheio da realidade. O segundo motivo é que, com a não-preparação dos alunos para a dura realidade escolar, estes estarão privando, mais uma vez, a maioria da população ao acesso do saber.

Com esse intento, portanto, quer-se finalizar este estudo mostrando as contradições e os impactos que essa escolha irá acarretar na profissão de professor de educação física e em toda a sociedade. Ocorrerá um enfraquecimento da Educação Física como atividade profissional, a regressão dos direitos sociais, a precariedade de emprego e a exploração da mão-de-obra do professor. Para a população, mais uma vez o acesso negado à cultura humana, nesse caso, a cultura corporal.

Há que se concordar com Oliveira (1999), quando este afirma que os profissionais de Educação Física devem redimensionar as práticas corporais em um plano mais amplo. Devem superar o caráter de disciplina prática, buscar legitimidade no contexto escolar, integrar-se ao processo pedagógico da escola, diferenciar-se de uma perspectiva tarefaira, espontaneísta e voluntariosa, assumir-se como profissional de uma área do conhecimento que tem um saber a ser desenvolvido no meio escolar, ampliar seu campo de intervenção além das abordagens centradas na motricidade,

compreender as práticas corporais, pedagógicas e a própria organização social como constructos culturais e eleger o homem como fim último das práticas corporais. Para o autor,

[...] pensar a Educação Física no interior da escola sem pensar os seus determinantes culturais é, como sua história bem tem demonstrado, torná-la acéfala (OLIVEIRA, 1999, p. 6-7).

Não se deve continuar como meros reprodutores, mas como sujeitos conscientes da realidade social e de toda a cultura, procurando plantar sementes para efetuar mudanças na sociedade. Para isso, necessita-se implementar metamorfoses na prática pedagógica, além, é claro,

de tematizar a cultura corporal como algo construído historicamente pelo homem. Nesse sentido, destaca-se os trabalhos com uma perspectiva dialética de Educação Física as obras de Assis de Oliveira (2001) e Soares *et al.* 1992. Esses estudos fornecem subsídios para a elaboração de aulas de Educação Física de maneira crítica e transformadora.

E dessa forma se conclui o presente estudo, procurando demonstrar com dados as contradições e os impactos negativos que esse reordenamento para as atividades não-escolares proporciona na prática profissional. Deve-se estar atento a qualquer proposta de mudança pois, caso contrário, os que irão sofrer o duro golpe serão, mais uma vez, os professores de Educação Física e a grande maioria da população brasileira.

---

## SOCIAL IMAGE OF PHYSICAL EDUCATION STUDENTS FROM UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

### ABSTRACT

The current study aims at analysing the social image of Physical Education (PE) students from Universidade Federal de Juiz de Fora – Brazil. 174 students answered a questionnaire about PE. Results pointed out an increasing participation in physical activities outside school comparing to a decrease in PE at school. This is due to neoliberal capitalist politics and that Physical Education should be viewed and discussed in schools in terms of corporal movement culture as knowledge historically constructed by men.

**Key words:** Physical education. Activities outside school. Public school.

---

### REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

ASSIS DE OLIVEIRA, Sávio. **A reinvenção do esporte:** possibilidades da prática pedagógica. Campinas: Autores Associados, 2001.

BARA FILHO, Maurício *et al.* A formação do profissional de Educação Física: um estudo com acadêmicos da Faculdade de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Juiz de Fora. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 12., Juiz de Fora (no prelo 2001).

BRACHT, Valter. **Educação Física e aprendizagem social.** Porto Alegre: Magister, 1992.

SOARES, C. L. *et al.* **Metodologia do ensino da Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992.

FRANCO, Maria C. Formação profissional para o trabalho incerto: um estudo comparativo Brasil, México e Itália. In: FRIGOTTO, G. **Educação e crise do trabalho:** perspectivas de final de século. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 100-137.

ISSAC, S.; MICHAEL, W. B. **Handbook in research and evaluation.** San Diego: Edits Publishers, 1983.

KUENZER, Acácia Z. **O ensino médio agora é para a vida:** entre o pretendido, o dito e o feito. Curitiba: UFPR, 1999.

LOVISOLO, Hugo. **Educação Física:** arte da mediação. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

MONTENEGRO, Patrícia C. A.; RESENDE, Helder G. O sentido de aluno- criança no imaginário de futuros professores de Educação Física. **Artus- Rev Ed Fís e Desp**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 71-80, 1996.

PARO, Vítor H. **Gestão democrática da escola pública.** 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.

OLIVEIRA, M. A. T. Existe espaço para o ensino de educação física na escola básica? **Revista Dicorpo**, São Paulo, n. 9, p. 29-42, 1999.

SILVA, O. G. T. *et al.* Perfil de preferências culturais e desportivas dos alunos do Colégio Pedro II- Rio de Janeiro. **Artus- Rev Ed Fís e Desp**, Rio de Janeiro, v. 12, n.1, p. 45-59, 1996.

*Recebido em 22/02/2002*

*Revisado em 15/03/2002*

*Aceito em 15/04/2002*

---

**Endereço para correspondência:** Marcelo Moraes e Silva, Rua Atílio Bório 51 ap. 802, CEP 80250-050, Cristo Rei, Curitiba, PR, Brasil. Tel. (41) 264-4028. Email: [moraesmarc@zipmail.com.br](mailto:moraesmarc@zipmail.com.br)